

Sebastião António



### **O AMOR CONJUGAL NÃO SERÁ UMA IRONIA? O HOMEM MODERNO NÃO TERÁ DESFIGURADO O SENTIDO DO AMOR?**

Deixo, antes de tudo, um ponto prévio: não sou um progressista, nem mesmo um radicalista e muito menos um averso ao amor, mas gostaria de despertar o dado da verdade consciente sobre o amor e aquilo que me permite defender. Em primeiro lugar, o amor, no seu mais profundo mistério, faz com que encontremos nele a fonte da vida, pois esta fonte parte, necessariamente, do dado do amor, como dizia o venerável Fulton Shenn.

O amor do qual me proponho a reflectir neste artigo de opinião é totalmente diferente de toda e qualquer realidade de amor que conheceis, daquilo que é pregado em diversos templos, em diversas instituições religiosas e não só. Jesus Cristo ensinou-nos a amar a Deus e ao nosso próximo. Sim, este amor que vem de um sacrifício Cristão e, ao mesmo tempo, ligado a um ser Divino, UNO E TRINO que se manifestou precisamente na perda da sua vida na cruz.

O amor que nos interessa reflectir é o da conjugação entre um homem e uma mulher, ou seja, aquele que se manifesta, não na morte como esta cessação dos princípios vitais ou nesta separação total da alma e do corpo, tal como reza o princípio da morte em Antropologia Filosófica, mas aquele que consiste na morte da individualidade para ressurgir a vida conjugal ligada com a chave da nupcialidade e que culmina com o matrimónio, isto é, com o ofício da mulher, como este sinal da vontade cristã de manifestar o amor de Deus na família, como afirma a Sacramentologia, sem descartar o

património que é, portanto, o ofício do homem. Um amor existencialista onde o Eu se reflecte no Tu e o Nós representa o caminho da eudaimonia<sup>1</sup>.

Não sei por qual fatalidade sucede que as coisas que mais falamos, sentimos, partilhamos com alguém que nós dizemos amar são também aquelas que as menos conhecemos. Todo mundo fala do amor, palavra muito comentada nas revistas, nas cadeias televisivas, nas universidades, na conversa entre amigos e amigas e em todas as demais organizações. Não se cansam de falar sobre o amor. É mesmo esse amor que, ao longo dos tempos e do espaço, isto é, ao longo da história, foi desdenhada, profanada, perdeu seus paradigmas e suas esperanças, porque se colocou o devir erótico<sup>2</sup> como um refúgio, uma caverna para nos escondermos da felicidade que existe nos outros que puderam ver e daqueles que nunca existiu, onde a bela figura do amor exortado, desde os pré-socráticos até aos contemporâneos, foi desfigurado para o erro da cobiça acarretada de um preconceito impessoal do homem e da mulher.

*“Um homem que pratica os mistérios do amor estará em contacto não com o reflexo, mas com a própria verdade. Para conhecer essa bênção da Natureza humana, não se pode encontrar melhor auxílio que o amor”.* (Sócrates).<sup>3</sup>

Nos tempos hodiernos, infelizmente, a verdade sobre o amor está escondida naquilo que você tem e não naquilo que vem de ti. Na medida em que, quanto mais a sociedade se torna líquida, mais o amor também se torna líquido, o que significa que, hoje e por hoje, o homem vive um amor líquido numa sociedade líquida e cansada. Lamentavelmente, a noção dele transformou-se simplesmente em um belo prazer para preencher o vazio que o ‘Eu’ sente dentro de si. Digamos que o círculo mudou para o materialismo: *“Se não me dares aquilo, então não me amas”*. Portanto, reduzimos o amor na questão do dar recíproco, da permuta, deixando de lado o dado da “Relação”, não uma relação meramente Biológica, mas uma relação Ontológica com um dado Existencialista cuja finalidade consiste no *“esse ad”*, isto é, em ser no outro e em ser para o outro, acabando assim por colocar em xeque-mate na utopia do amor e transformando-o em mera diversão. Será que realmente está tudo perdido? O amor nunca se perderá, porque

---

<sup>1</sup> Felicidade.

<sup>2</sup> Aqui a expressão “Erótico” não carrega consigo a semântica rotulada pela sociedade contemporânea de carácter prostitutivo, ou seja, hoje e por hoje, o termo “erótico” é, necessariamente, ligado à prostituição. Mas, no sentido em usamos, expressa, portanto, o seu significado etimológico de “Amor”, ou seja, aquele amor entre um homem e uma mulher, diferente do amor FILIEO e do amor ÁGAPE.

<sup>3</sup> Cf. Osho, Amor, Liberdade e Solidão.pg.1, adaptado por: Reptiliano Grey

se trata de um mistério, e o mistério tem mesmo esta característica de querer ser revelado. Os latinos dominam-no como “*sacramentum*”, isto é, coisa sagrada, e o amor é, de facto, coisa sagrada. Ele é como um rio que, ao longo do seu percurso, vai ao encontro do mar para juntos partilharem a beleza do seu amor. O amor é um dos cânticos e dança mais bela que se pode dançar e cantar numa festa sem que você se canse e sem que os outros se sintam entediados, porque a alegria do amor é contagiante, refrescante, verdadeira e bela.



*Figura 1. O amor é imutável e capaz de sobreviver em todos os climas.*

Uma perspectiva que me leva a reflectir muito sobre isso são as relações líquidas que têm contaminado o amor. O filósofo e sociólogo Bauman, quando nos fala sobre a modernidade líquida, atesta-nos esta verdade, por isso o considero como uma pessoa ideal para nos criticar de modo veemente sobre a maneira como nós entendemos a invasão do amor por uma pessoa que, no momento do namoro, torna-se tão frágil. Muitos de nós pensamos que o amor é uma mera mercadoria que, a qualquer momento, podemos deitá-la ao lixo e optar por um outro amor. A sociedade avançada quer modernizar o amor fazendo-nos acreditar que ele é reciclável, ou seja, podemos ultrapassar as fronteiras de relação em relação. Se ele é reciclável, então deixa de ser amor, porque o amor não sobrevive de mudanças, ele é imutável. Daí que o amor não se alimenta de momentos: ‘hoje, digo que amo o Joaquim, amanhã, posso amar o António’ ou ‘amo a Ana e amanhã, posso amar o Eduardo’. Quem dentre eles ou elas você ama? É lógico que você

apenas vive uma relação para ter um momento de satisfação e mais nada, pois você está longe de alcançar o amor que tanto procura e vive apenas uma eterna ironia.

Portanto, o busílis da questão aqui é a extinção daquilo que nós pensamos ser o amor, mas, na verdade, nunca foi. Na realidade, estamos a seguir um caminho fracassado de gentes famintas de amor, como é óbvio, e temos de reconhecer que tudo depende do homem e da mulher, pois, enquanto eles relativizarem e relacionarem o amor a um mero contrato, a um mero romantismo qualquer e a uma mera hipersexualização, este sentimento profundo deixará de existir no tempo e no espaço e ficará apenas como uma obrigação entre um homem e uma mulher, isto é, perderá seu significado próprio.

**Sebastião Figueira António**